TL 5416

17-Setembro-1999

COMITÉ OLIVENÇA PORTUGUESA

COMUNICADO Nº 2-T

TIMOR E O PRETENSO ANTI-COLONIALISMO INDONÉSIO

Apartado 132/7101 Estremoz Codex/Portugal
(TLF. 068-322697)

As recentes manifestações em Jacarta, por parte de chamados "patriotas" indonésios, contra a intervenção de uma Força Multinacional em Timor Loro Sae, obrigam a algumas reflexões, e a recorrer um pouco à História.

De facto, a actual Indonésia, amálgama de Estados e povos diversos, sob o férreo domínio holandês, que sucedeu ao domínio português, levando-o todavia mais longe, tem grandes razões para se sentir até hoje ressentida contra o colonialismo. Não há, e nunca houve, bons colonialismos!!!

Efectivamente, a Indonésia, após uma luta demorada contra o Domínio Estrangeiro, principalmente entre 1945 e 1949, conseguiu a sua Independência, como um Estado em que se tentava conciliar o repúdio de um passado de opressão e o desejo de unir todas as vítimas dessa mesma opressão num novo Estado, solidário entre as partes, com algumas estruturas de carácter federalista, e um programa de reformas no sentido de satisfação dos interesses das populações. A Indonésia, durante bastante tempo, esteve na vanguarda da Luta Anti-colonial, e foi um exemplo para os lutadores pela emancipação dos povos e por uma nova Ordem Internacional.

Infelizmente, principalmente após as depurações da década de 1960, tudo foi mudando. Um regime Militar, que aceitou ser o peão de interesses estrangeiros na região, foi oprimindo o seu próprio povo, transformando o patriotismo indonésio num imperialismo javanês (os javaneses constituem 46 % da População), que se tem dado ao "descaramento" de exportar (!) populações de Java para todas as ilhas da Indonésia, o que não significa culpa de toda a etnia javanesa, já que só as elites enriquecem com a situação.

O Exército, transformado em corpo todo poderoso, com assentos não-democrá

cráticos (obviamente) no Parlamento de Jacarta, tornou-se uma instituição da Ditadura, e, como ela, prepotente, corrupto, elitista.

Os primeiros sinais da nova mentalidade estiveram presentes em Irian Jaya (Nova-Guiné ocidental). Após muita pressão, a Holanda abandonou o território à Indonésia, que se comprometeu a consultar a população sobre o seu futuro (1965). De facto, nunca se efectuou uma votação minimamente credível, por sufrágio universal. Os movimentos independentistas locais foram (e ainda são) impiedosamente destruídos. Sucedem-se os massacres. Milhares de javaneses são convidados a intalarem-se no território.

Em 1975, o Estado Indonésio invadiu Timor-Leste (hoje Loro Sae). Cerca de 200 000 mortos constituiu o balanço de mortos timorenses na época.

É repugnante ver manifestantes em Jacarta protestarem contra a Independência de Timor Loro Sae em nome dos mortos indonésios durante a ocupação indonésia, isto, entre outras coisas, porque ela foi (e é) ilegal, e porque, do outro lado da balança, estão os ditos 200 000 mortos timorenses, nunca comparáveis aos 3 000 soldados invasores abatidos... em legítima defesa!

Em resumo, o Estado Indonésio usa o seu povo para justificar o injustificável: que a INDONÉSIA SE TRANSFORMOU, ELA PRÓPRIA, NUM ESTADO COLONIALISTA TREMENDAMENTE AGRESSIVO, COM PRÁTICAS VIOLENTAS E CRIMINOSAS. Ironia suprema da História...

De pouco consolo serve verificar que, mais uma vez, se comprova ser o racismo um contrasenso: NÃO HÁ POVO IMUNE AO VÍRUS IMPERIALISTA/COLONIALISTA, QUE NÃO OLHA A CRENÇAS, RAÇAS, LATITUDES, OU OUTROS FACTORES, PARA CONTAGIAR ESTADOS, ELITES, e, por intermédio de ideologias sustentadas pelo PODER, PARTES DE POPULAÇÕES, OU MESMO POVOS, NA SUA QUASE TOTALIDADE.

O Estado Indonésio coloca o seu País numa situação em que o anátema pelo que se está a praticar em Timor Loro Sae se irá prolongar por muitos e muitos anos. Mais ainda, o Estado Indonésio corre o risco de se desintegrar, já que se incompatibiliza com as populações que não aceitam o domínio javanês, e muito menos a actuação das suas elites corruptas e re-

pressivas.

Duas lições mais se podem tirar dos acontecimentos em Timor. Uma, é a de que as Grandes Potências raramente têm objectivos ou ideologias. Na verdade, têm interesses, quase sempre egoístas, pouco lhes interessando os Direitos Humanos.

A outra lição decorre desta. O Mundo não pode ser orientado por um só grande "Xerife", ou mesmo por meia dúzia de capatazes. Há que criar mecanismos internacionais de intervenção rápida, o mais independentes possível, dentro da O.N.U., organização que terá que ser mais democrática e equitativa. Caso contrário, outros "timores" ocorrerão, o descrédito mundial acentuar-se-á, e, em pouco tempo, cada estado ou povo tratará de praticar políticas isolacionistas, e, claro, de se armar ferozmente, sempre no receio de se ver sozinha a enfrentar eventuais agressores, perante a indiferença internacional!

Saibamos aprender com os erros, e, nesta hora, apoiemos, sem reservas, a luta e a causa de Timor Loro Sae!

TIMOR VENCERÁ!

Esremoz, 17 de Setembro de 1999

O Presidente do Comité Oliveça Portuguesa,

Carlos Eduardo da Cruz Luna